

AFFONSO NUNES

Depois do sucesso em 2025, o Projeto Ópera do Meio-Dia retorna ao Theatro Municipal com “O Elixir do Amor”, de Gaetano Donizetti (1797–1848), em versão pocket na escadaria interna da casa. A comédia abre a temporada 2026 nesta semana até o dia 7 de abril, às segunda e terças-feiras, sempre ao meio-dia, com entrada gratuita.

Nemorino é um jovem camponês apaixonado por Adina, que é cortejada pelo militar fanfarrão Belcore. Quando o charlatão Dulcamara aparece vendendo um suposto elixir milagroso, a trama ganha os contornos de humor que marcam a obra. O elenco reúne solistas do Coro do Municipal, sob direção cênica de Pedro Rothe e direção musical do maestro Cyrano Sales, regente titular do Coro.

“O verdadeiro poder do elixir está em nós mesmos, em achar nossa autoconfiança para trilhar nosso caminho. Não há força maior que o amor verdadeiro”, explica Sales, que assina a curadoria do projeto. “Escolhi uma obra leve e envolvente que oferece ao público um respiro da rotina e aproxima mais pessoas do Theatro Municipal”, justifica.

Donizetti foi um dos maiores compositores de ópera do século 19. Nascido em Bérgamo (Itália), consolidou-se como mestre da ópera cômica e dramática, dominando tanto o gênero buffo quanto o sério com maestria. Suas composições se caracterizam pela melodia generosa, ritmo vibrante

A ópera-pocket está de volta

‘O Elixir do Amor’, de Donizetti, abre temporada 2026 da Ópera do Meio-Dia no Municipal. De graça



Marietta Trotta/Divulgação TMRJ

Solistas do Coro do Municipal durante ensaio na escadaria interna do Theatro

e capacidade de criar personagens memoráveis. Escrita em 1832, “O Elixir do Amor” comprova sua

genialidade ao combinar humor refinado, situações cômicas irresistíveis e uma partitura que exige

dos cantores tanto virtuosismo vocal quanto presença cênica marcante. Donizetti morreu aos

50 anos, deixando um expressivo catálogo de mais de 70 obras líricas.

Ao longo de 2026, a programação segue com seis outras montagens que alternam óperas entre comédia e drama. Em abril e maio, “Gianni Schicchi”, de Puccini, traz a história de um personagem que usa astúcia para resolver conflitos familiares. Maio e junho recebem “O Barbeiro de Sevilha”, de Rossini, clássico de intriga e sedução. Julho marca o aniversário do Theatro com “Il Trovatore”, de Verdi, drama de paixão e vingança. Agosto apresenta “Tosca”, também de Puccini. Outubro traz “Cinderela”, de Rossini, enquanto novembro encerra a temporada com “Rigoletto”, de Verdi, tragédia que explora poder, honra e sacrifício.

“A programação transita entre comédia e drama, com títulos de Puccini, Verdi e Rossini que atravessaram gerações”, destaca Sales, acrescentando que a ópera pocket na escadaria interna cria um espaço acessível e intimista.

Diferentemente de uma montagem de palco tradicional, o formato pocket permite ao público acompanhar a ópera em um intervalo de almoço, sem deslocamento para salas convencionais, além de levar a essência dessas obras a um maior número de pessoas.

SERVIÇO

O ELIXIR DO AMOR (ópera em versão pocket)

Escadaria interna do Theatro Municipal (Praça Floriano (s/nº - Cinelândia)
24/3, 6 e 7/4, sempre às 12h
Entrada franca

CRÍTICA DISCO | ROGUAN

AQUILES RIQUE REIS*

Hoje é dia do álbum de Roguan (Roberto Guimarães Andreoli), um múltiplo artista que após duas décadas dedicadas ao teatro, à poesia e ao cinema (ele trabalhou durante quatro anos com Fátima Toledo, com quem realizou o filme Tropa de Elite), estreia oficialmente na música com o álbum homônimo.

A sensação que se tem ao ouvi-lo é de estarmos diante de um cara que desdobrou sua alma em vários corpos. Um bardo múltiplice a serviço de uma voz que, por vezes, remete a Chico Science. Ao ouvir o álbum, sugiro que deixem de lado qualquer forma de quizila – a surpresa é o dom da beleza.

Eis algumas das canções.

“Ato 1 – O Espelho Invertido (prelúdio)”: escutam-se passos. A viola caipira de Roguan tange uma melodia com pegada ibérica.

A letra vem sussurrada: “Guerra, morte, paz, vida... É tudo ilusão”. “Sem a Terra Sem o Mar”: o canto de Roguan embala sua viola caipira e sua gaita. As cordas dedilhadas arrebatam num intermezzo instrumental. “Cala Voz”: o violão de Rodrigo Ramos acompanha a cantoria impetuosa de Roguan... Enquanto isso, sua poética abrasa o juízo do ouvinte. “O Transe”: o violão de sete cordas de Roguan o acompanha no folhetim enlouquecido. E o sussurro volta e remata. “Ato 2 Reverter (interlúdio)”: o cantar sussurrado e a guitarra de Roguan iniciam. Voltam os passos, que agora soam como se pisassem



Divulgação

na água. “Verso”: a bela melodia vem clara na voz do menestrel. A batida do maracá (instrumento musical indígena, com uma cabaça seca recheada com sementes ou pedras, fixada num bastão de madeira) puxa o ritmo. “Cálice da

Flor”: com a mesma formação instrumental do arranjo anterior (exceto o maracá), sente-se ainda mais a parença da voz de Roguan com a de Chico Science. “O Nosso Fim É Começar”: com a mesma base instrumental da faixa anterior, sem maracá, Roguan reforça sua disposição de alternar a voz falada com a entoada, para explicitar sua existência. “Ato 3 – O Agora (interlúdio)”: a guitarra de Roguan inicia. Logo sua voz soa sobre os ponteiros da viola caipira. Cantando e sussurrando versos, sua força pulsa no ar. “E Se Todos Sou Eu?”: acompanhado apenas pela viola caipira de Rodrigo Ramos, Roguan canta a

música mais bela do álbum. “Vence o Passo”: o derbake (instrumento árabe de percussão em forma de cálice) deflagra o suingue de Roguan, esmerando-se para expor às claras a sua voz dobrada. “Final – Pra Minha Voz (poslúdio)”: o violão de sete cordas soa, dedilhado por Roguan. Enquanto o cantor clama “Eu digo sim!”, voltam os passos, que agora conduzem ao final do álbum, que pode ser ouvido por completo em <https://11nq.com/gvsumk7>.

Ficha técnica

Produção: Rodrigo Ramos; produção artística: Mayra Faour Auad; engenharia de som, mixagem e masterização: Bruno Pontalti; arranjos, violão e percussão: Rodrigo Ramos; foto de capa: Roguan; design: Felipe Braga.

*Vocalista do MPB4 e escritor